



Lula ataca o clã Bolsonaro e Ibaneis

No comício em Ceilândia, presidente afirma que ligação entre o ex-governador do DF e o dono do Banco Master quebrou o BRB. Chefe do Executivo também acusa os irmãos Flávio e Eduardo de tramarem intervenção dos Estados Unidos no Brasil

» RENATO SOUZA
» DANANDRA ROCHA
» ARMANDO HOLANDA
» LUIZA ALTOÉ
» IAGO MAC CORD

Em um discurso repleto de críticas aos adversários, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que o senador Flávio Bolsonaro, candidato ao Planalto, mandou o irmão, o deputado cassado Eduardo Bolsonaro, para os Estados Unidos para “tramar contra o Brasil”. O chefe do Executivo também criticou o ex-governador do DF Ibaneis Rocha e disse que o governo federal não dará dinheiro para o Banco de Brasília (BRB).

As declarações ocorrem em ato de campanha na Praça do Trabalhador, em Ceilândia, ontem à noite. O evento teve a presença de candidatos do DF, como a senadora Leila Barros (PDT), a deputada federal e candidata ao Senado Erika Kokay (PT), o postulante ao Governo do DF Leandro Grass (PT) e a vice dele na chapa, Dora Gomes (PV). De acordo com o Planalto, o ato reuniu cerca de 15 mil pessoas.

Ao falar do clã Bolsonaro, Lula disparou: “Está lá, o Eduardo Bolsonaro, o traidor da pátria, falando mal do Brasil, pedindo para que Trump venha fazer intervenção nesse país”, discursou. “Este país não comporta política vira-lata. Este país não comporta político que, de dia, mostra a bandeira nacional, e, de noite, vai ficar de quatro para os Estados Unidos, para a bandeira americana.”

Ao citar a defesa da soberania, Lula disse que vai aos Estados Unidos, no domingo, “dizer a Trump que não se meta nas eleições no Brasil”. Ele viajou ao país para participar da Assembleia-Geral das Nações Unidas.

“Domingo, pego avião e vou para a reunião da ONU bater papo com Trump e dizer para o Trump que não se meta nas eleições no Brasil. O Brasil só tem um dono, e o dono do Brasil se chama povo brasileiro”, frisou.

No ato, o presidente disse que a culpa pelo rombo deixado no BRB pelo esquema do Banco Master é do ex-governador Ibaneis Rocha. O chefe do Executivo acusou a governadora Celina Leão de tentar imputar à gestão federal os prejuízos financeiros ao banco distrital.

Minervino Junior/CB/D.A. Press



Lula com Leila Barros, Erika Kokay, Leandro Grass e Dora Gomes, na Praça do Trabalhador, em Ceilândia: “Este país não comporta político vira-lata”



Agora estão dizendo pra mim: ‘Ah, presidente, se o senhor não der dinheiro, não vai poder pagar o Bolsa Família’. Nós não vamos deixar o povo sem dinheiro, mas não vamos dar dinheiro para o BRB”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República

“A governadora, de forma cínica e mentirosa, tenta jogar a responsabilidade no governo federal, mas quem quebrou o BRB foi a ligação entre o Ibaneis (Rocha) e o (Daniel) Vrcaro do Banco Master, quando o BRB comprou títulos que não existiam por R\$ 12 bilhões”, destacou.

Ele afirmou que tem recebido recados de que, caso o governo não

atue pelo empréstimo ao BRB, programas sociais poderiam ser prejudicados. “Nós não vamos deixar o povo sem dinheiro. Mas não vamos dar dinheiro para o BRB. Na verdade, a governadora deveria estar preocupada com a prisão do Ibaneis. Ele, quando foi denunciado, retirou a candidatura e está escondido onde? Gastando o dinheiro

que foi roubado”, acusou. “Deem uma chance a Brasília. Brasília é uma cidade bonita, uma cidade nova, precisa ser bem administrada. Vamos dar uma chance para esse jovem (Leandro Grass). Eu vou me dedicar para eleger o governador de Brasília”, completou.

Em post feito nas redes sociais, Celina rebateu Lula: “Lamento a declaração de um presidente da República que quer quebrar o BRB. Eu pensei que ele fosse presidente do Brasil. Pensei também que os brasileiros fossem brasileiros. Pensei que o DF fizesse parte da República Federativa do Brasil, mas para ele, não. Age como presidente de um partido. Lamento que haja assim. Ele ajuda, pela segunda vez, os Correios, mas se recusa a dar um aval para um empréstimo ao GDF”, publicou.

Moraes

Mais cedo, Lula afirmou que a crise envolvendo o Judiciário é negativa para o Brasil e disse que o banqueiro Daniel Vrcaro, dono do Master, teria estabelecido relações com diferentes setores do poder. Ele defendeu que eventuais irregularidades sejam investigadas, e citou o ministro Alexandre de Moraes, suspeito de envolvimento com o empresário.

“Todo mundo que cometeu erro em qualquer área tem que ser julgado. O que defendo é um julgamento justo, com o direito de defesa. Mas a pessoa que cometer delito tem que pagar o preço. Isso vale pra mim, para o Alexandre de Moraes, para o Fachin (presidente do STF)”, ressaltou, em entrevista ao podcast Desce a Letra Show.

Lula também lembrou que não

indicou Moraes ao STF, apesar de o rival Flávio Bolsonaro insistir em fazer associação entre os dois. “Eu não era presidente quando Alexandre de Moraes foi indicado para ministro da Suprema Corte. Ele (Flávio) era senador, ele deve ter votado no Alexandre de Moraes. Eu não era presidente quando indicaram Kassio, ele deve ter votado. Eu não era presidente quando ele indicaram o André Mendonça, portanto ele é o culpado, e não eu”, disse.

Moraes foi indicado ao STF em 2017 pelo então presidente Michel Temer. À época, Flávio Bolsonaro era deputado estadual no Rio de Janeiro. Ele assumiu o mandato de senador em 2019. Já Kassio Nunes Marques foi indicado em 2020, durante o governo Jair Bolsonaro, e André Mendonça chegou ao Supremo em 2021, também por indicação do então presidente.

O chefe do Executivo, no entanto, fez uma defesa da atuação de Moraes no comando dos processos relacionados aos atos golpistas de 8 de janeiro e à tentativa de ruptura institucional após as eleições de 2022. Lula afirmou que o magistrado fez um “trabalho extraordinário para garantir a democracia, prendendo Bolsonaro e os golpistas”.

Na avaliação de Lula, essa é a verdadeira motivação dos ataques de Flávio e do grupo político do senador contra o ministro do STF. “A obsessão deles é pegar o Alexandre de Moraes. Mas eles não querem brigar com o Alexandre pelo Banco Master. Não é por isso que eles têm raiva. Ele (Flávio) tem rabo preso ao Banco Master mais do que qualquer outra pessoa. A raiva dele do Alexandre é porque o Moraes mandou prender o cara que mandou matar a Marielle, ele tem raiva porque o Moraes mandou prender o pai dele e os golpistas do 8 de Janeiro”, enfatizou.

Flávio é suspeito de lavagem de dinheiro, evasão de divisas e corrupção no caso de Dark Horse, filme sobre o ex-presidente, financiado pelo dono do Master. O senador é investigado pela Polícia Federal desde julho. A informação veio a público com a queda do sigilo de parte das investigações relacionadas às fraudes do banco.

ARTIGO

» POR: PALOMA OLIVETO

Nós, crianças, nos ombros de nossos pais

Era novembro de 1989. Os militares haviam pendurado os coturnos quatro anos antes, e a Constituição de 88 garantia que ouvíssemos Faróeste Caboclo na rádio com todos os palavrões a que tínhamos direito. O Brasil desfrutava de uma liberdade recém-adquirida e se preparava para eleger um presidente pela primeira vez desde 1960.

Nós, as crianças, acompanhávamos as aventuras dos filhos do Gaspar na novela Top Model. Em Brasília, comprávamos genéricas da Barbie num camelódromo

da W3 Sul, subíamos no foguete do Parque da Cidade, fazíamos pique-pegas abaixo dos blocos, lanchávamos no Trucks ou no Cupim do Parkshopping.

Também participávamos ativamente da nova vida política. Imitávamos o candidato Eneas e seus discursos de 15 segundos, cantávamos “eyeyemaeeeeel, o democrata cristão...” Nas carreatas e passeatas, empunhávamos bandeiras: algumas vermelhas, outras verde-amarelas ou azuis.

Eu estava no time das vermelhas e, no dia 12, tinha um encontro com Luiz Inácio Lula da Silva. Só que ele demorou demais a chegar e fomos embora para casa, decepcionadas por não ter visto o ex-torneio mecânico (que eu pensava produzir torneiras), mas impressionadas com o mar de gente na Esplanada dos Ministérios. Aquele era o último comício do candidato em Brasília na campanha

de 89. Segundo o **Correio** da época, entre 80 mil e 100 mil pessoas acompanharam o evento.

Voltemos ao presente. Que diferente este Brasil de 2026. Não assistimos mais a novelas.

16 de setembro. Lula faz seu último comício em Brasília como candidato. Mas, agora, chega como presidente. É a primeira vez que o chefe do Palácio do Planalto realiza um evento do tipo na capital.

No **Correio** de 1989, a reportagem conta que Lula chegou à Esplanada dos Ministérios às 12h47, usando camisa branca de manga curta e calça de tergal bege, acompanhado da então mulher, Marisa. Hoje (ontem), pisou no palanque, montado na Praça do Povo, em Ceilândia, às 20h12, vestido de camisa vermelha de manga longa e calça preta de alfaiataria. Estava com a esposa Rosângela, a Janja.

Não havia um mar de gente. O local

escolhido comporta, no máximo, 10 mil pessoas. Aparentemente, não havia nem metade disso. O público parecia tão apático quanto qualquer público destes tempos de smartphone, selfie e rede social.

No discurso de 1989, Lula se dirigiu aos servidores públicos, acusou o governo da época de irresponsável nas questões sociais, criticou o salário mínimo e defendeu o direito de greve.

No de 2026, voltou a dizer que o mínimo era pouco, afirmou que o Brasil, mais do que commodities, tem de exportar tecnologia, acusou o ex-governador Ibaneis Rocha e a atual chefe do Buri e candidata, Celina Leão, de quebrarem o BRB.

Já bastante rouco, combateu o feminicídio e disse que, na semana que vem, falará para o presidente estadunidense Donald Trump, na Assembleia das Nações Unidas, que o dono do Brasil é o povo brasileiro.

Há 37 anos, Lula encerrou o discurso dizendo que a classe dominante tinha medo do povo politizado. “Tem medo também dessa menina que vem aos comícios nos ombros dos pais, porque sabem que essas crianças, participando desde cedo de atos públicos como esse aqui, jamais vão permitir outro golpe militar e vão garantir a democracia do Brasil.”

Naquele 8 de janeiro de 2023, nós, as crianças de 89, não permitimos. Mas foi por pouco.

As crianças que ontem, no comício de 2026, estavam nos ombros dos pais; às crianças que sobem nos ombros dos pais nos comícios de Flávio Bolsonaro, Augusto Cury, Romeu Zema, Renan Santos, Ronaldo Caiado e demais candidatos: não permitam, jamais, outro golpe. Garantam a democracia do Brasil para que, daqui a quatro décadas, sequer seja necessário falar disso.